

Reflexos preliminares da escalada do conflito no oriente médio no agronegócio de Santa Catarina

Robertth Andres Villazon Montalvan¹ e Luiz Toresan²

Introdução

A escalada de tensões internacionais em março de 2026, especialmente o fechamento estratégico de rotas marítimas no Oriente Médio (Estreito de Ormuz) e a continuidade das sanções no Leste Europeu, coloca o agronegócio de Santa Catarina em um cenário de alerta.

O cenário geopolítico global sofreu uma ruptura crítica com o início dos bombardeios entre Estados Unidos/Israel e o Irã, em 28 de fevereiro de 2026. A retaliação iraniana, que atingiu nove nações do Golfo com bases militares americanas, forçou o Departamento de Estado dos EUA a emitir alertas de evacuação imediata, em 2 e 3 de março, para 14 países: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina e Síria. As retaliações armadas têm tido impacto também em países como Chipre, Azerbaijão e Turquia, incrementando, assim, a possibilidade de uma escalada maior.

Neste cenário, a instabilidade do comércio internacional impacta diretamente a competitividade do agronegócio de Santa Catarina por efeito das flutuações dos custos logísticos e da disponibilidade de insumos globais. Ataques a refinarias (como a do Bahrein) e a instabilidade no Estreito de Ormuz elevam drasticamente os prêmios de seguro e as sobretaxas de combustível, ameaçando o fluxo físico das *commodities* catarinenses. Ataques diretos, como o de drones contra a embaixada em Riade e as explosões em centros urbanos de Dubai, sinalizam que a infraestrutura comercial na região está sob ameaça real e constante.

O contexto catarinense

A inserção de Santa Catarina no comércio internacional permanece robusta, com exportações destinadas a mais de

200 países. Em 2025, os dados disponibilizados por meio do Observatório Agro Catarinense da Epagri/Cepa indicam que Santa Catarina reafirmou sua posição como potência exportadora, alcançando um faturamento de US\$7,94 bilhões no agronegócio. O Estado detém 4,73% do valor total exportado pelo Brasil (US\$168,07 bilhões) em produtos do Agro. A competitividade catarinense é sustentada por cinco pilares principais: carnes de frango e derivados (US\$ 2,44 bilhões); carnes de suínos e derivados (US\$1,85 bilhão); madeira e obras de madeira (US\$1,21 bilhão); complexo soja (US\$710,9 milhões) e papel e celulose (US\$ 370,8 milhões). Embora Estados Unidos e China continuem figurando entre os principais parceiros comerciais, o mercado do Oriente Médio é de extrema relevância para *commodities* nos setores de proteína animal (aves), madeiras, milho e soja.

A zona de conflito

De acordo com dados disponibilizados pelo Observatório Agro Catarinense³, as exportações do agronegócio catarinense para a zona em conflito totalizaram aproximadamente US\$915 milhões em 2025 (valor maior que o exportado para a UE nesse ano). Não obstante a queda nos preços internacionais, reflexo de um 2025 conturbado no comércio internacional, as quantidades de mercadorias físicas encaminhadas para a área em conflito têm registrado taxas de crescimento positivas, se comparadas com o período anterior, principalmente nos países mais relevantes (em termos de comércio), como Irã, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Israel⁴.

A região em conflito é destino de fluxos vitais para a balança comercial de Santa Catarina. A tabela abaixo sintetiza a exposição dos principais mercados em 2025:

¹ Doutor, Agente de Pesquisa IV, Analista de Socioeconomia e Desenvolvimento Agrícola do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri, Epagri/Cepa. robertthmontalvan@epagri.sc.gov.br

² Doutor, Agente de Pesquisa IV, Analista de Socioeconomia e Desenvolvimento Agrícola do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri, Epagri/Cepa. toresan@epagri.sc.gov.br

³ Os dados detalhados por valor, quantidade e produto podem ser consultados na área temática de comércio exterior do Observatório Agro Catarinense nos painéis de Exportações, Importações e Balança Comercial disponíveis em <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/areas-tematicas/comercio-exterior/>

⁴ As exceções neste comportamento foram Egito com um valor de -54,7%, Turquia -39% e Iraque -46,8%.

Tabela 1 - Síntese das Exportações de SC para a região em conflito

País	Valor Exportado (US\$)	Varição Valor (%)	Volume (Toneladas)	Varição Volume (%)	Principal Produto
Arábia Saudita	340,16 milhões	+18,7%	216.369,81	+15,5%	Carne de Frango
Emirados Árabes	293,77 milhões	+15,5%	183.476,12	+29,0%	Carne de Frango / Madeira
Irã	38,48 milhões	-1,3%	151.139,83	+57,7%	Milho e Soja
Iraque	55,73 milhões	-36,8%	27.677,35	-46,8%	Carne de Frango
Jordânia	32,57 milhões	+56,9%	17.137,95	+101,7%	Carne de Frango
Kuwait	31,08 milhões	+1,6%	20.443,16	+10,9%	Carne de Frango

No caso particular do Irã, observa-se um risco elevado nas exportações diretas. O Irã é um mercado focado na compra de grãos catarinenses, principalmente milho (US\$31,1 milhões) e soja (US\$7,2 milhões). Durante o ano de 2025, observou-se uma dicotomia perigosa: enquanto o valor exportado teve uma leve queda de 1,3% (totalizando US\$38,4 milhões), o volume físico exportado saltou 57,7%, ultrapassando 151 mil toneladas. Como o país é o alvo central de operações militares de Israel e dos EUA, o Estado está enviando massas de grãos sem precedentes para uma zona de combate ativo. Consequentemente, qualquer transação comercial, pagamento internacional (cartas de crédito) ou operação logística direta com o Irã encontra-se em risco.

Os efeitos no comércio internacional

A interrupção abrupta das rotas marítimas no Estreito de Ormuz e no Mar Vermelho gera, ainda, um efeito cascata imediato na infraestrutura logística de Santa Catarina. O atraso ou o redirecionamento forçado de embarcações afeta diretamente a dinâmica operacional dos complexos portuários catarinenses, a exemplo de Navegantes, Itapoá e São Francisco do Sul. Essa quebra no fluxo regular compromete o reposicionamento e a disponibilidade de contêineres refrigerados, equipamentos vitais para a exportação de proteína animal. Como resultado, as empresas de SC podem enfrentar não apenas o encarecimento drástico do frete marítimo global, mas também o risco de saturação da capacidade de armazenagem nas retroáreas portuárias e nas câmaras frias das próprias agroindústrias.

O conflito não afeta apenas as exportações de SC, mas também o que é importado. O agronegócio catarinense depende criticamente de fertilizantes e ureia para o plantio de milho, que serve de ração para aves e suínos. Como Omã, Catar, Bahrein, Arábia Saudita, Egito e Irã estão entre os principais fornecedores de ureia (HS 3102)⁵ para o Brasil,

os bloqueios logísticos ameaçam elevar consideravelmente os custos de produção da próxima safra catarinense. Esse encarecimento de insumos, somado à alta do petróleo que pressiona o preço do diesel — elevando o custo do frete interno e das operações mecanizadas no campo —, causa a compressão direta das margens de lucro dos produtores e frigoríficos.

Por outro lado, o setor do agronegócio de SC pode sofrer severos impactos pelo risco de modificações unilaterais e intempestivas nas tarifas de importação que os países da região poderão implantar para resguardar as suas economias. Atualmente, o Brasil, por meio do Mercosul, mantém acordos em vigor com Israel, Egito e Palestina, além de estar em negociação com o Líbano. O setor depende também dos acordos comerciais assinados pelo Brasil na região.

Desta forma, pode-se observar que o grau de risco e o impacto para as cadeias do Estado podem ser resumidos da seguinte forma:

- **Proteína Animal (risco elevado):** carnes de frango em mercados de alto crescimento, como Arábia Saudita e Jordânia. A segurança alimentar dessas nações depende de SC, mas a logística de entrega está comprometida;
- **Grãos (Vulnerabilidade de Escoamento):** concentração de grandes volumes de milho e soja para o Irã. O risco é a retenção de navios graneleiros em zonas de conflito;
- **Madeira e Móveis (Impacto Comercial):** Emirados Árabes Unidos (US\$36 milhões em madeira) e Israel são mercados premium para o setor catarinense, pois enfrentam retração de demanda interna devido à guerra;
- **Tabaco (Risco de Mercado Dual):** a Turquia e o Egito são os eixos de estabilidade para as vendas de tabaco; a escalada pode forçar a busca por mercados alternativos de urgência.

A instabilidade no Oriente Médio não é apenas diplomática, mas uma ameaça direta à integridade financeira do agronegócio de Santa Catarina. O mercado financeiro

⁵ O Código HS de quatro dígitos é um padrão global que define a categoria principal (posição) de uma mercadoria no comércio internacional. Ele funciona como um identificador universal para que as alfândegas reconheçam o tipo de produto e apliquem as regras e impostos corretos.

já precificou o medo: a queda de 4,99% no Ibovespa e a pressão cambial com o dólar a R\$ 5,20 criam um ambiente de incerteza para o planejamento da próxima safra. Apesar desse medo inicial, oportunidades podem aparecer se bem avaliadas. Um exemplo é o aumento do dólar, que também aumenta a receita em reais das exportações que conseguem ser escoadas para outras regiões.

Complementarmente, é preciso prestar atenção para a possibilidade de sobreoferta no mercado interno. Se milhares de toneladas de proteína animal de SC ficarem retidas no Brasil, haverá uma pressão negativa nos preços domésticos. Isso poderá comprimir a margem dos frigoríficos locais, gerando um problema de armazenagem frigorificada nos portos e indústrias do Estado. Nos portos de SC poderá se observar reposicionamento de contêineres vazios voltando das regiões em conflito, acarretando no encarecimento dos fretes.

Já em relação aos fertilizantes, considerando que o Leste Europeu está sob sanção e o Oriente Médio em guerra, o produtor catarinense terá que olhar para alternativas como o Marrocos (fosfatos), Canadá (potássio) ou para o aumento da importação da China, países com os quais o Brasil não tem acordos de preferências comerciais.

Apesar do crescimento robusto observado em 2025 (como os 18,7% na Arábia Saudita), a segurança dos acordos bilaterais — especialmente os *Free Trade Agreements (FTAs)* com Egito e Israel — está sob ameaça de descumprimento por força maior. Assim, sugerem-se aos produtores as seguintes ações:

- **Revisão de Contratos:** é imperativo que os exportadores catarinenses revisem imediatamente as cláusulas de *War Risk* (Risco de Guerra) em seus contratos de seguro marítimo e frete;
- **Monitoramento de Crédito:** no comércio com o Irã, dada a volatilidade entre volume e valor, recomenda-se cautela com cartas de crédito de bancos locais;
- **Diversificação de Insumos:** buscar alternativas para os insumos provenientes da zona em conflito, antecipando-se a possíveis rupturas de estoque causadas pelo fechamento de rotas no Levante e no Golfo.

O cenário exige que o setor produtivo catarinense intensifique o planejamento de estoques de insumos e busque a diversificação de rotas comerciais. A manutenção do rigor sanitário permanece como o principal ativo de Santa Catarina para garantir acesso a mercados menos voláteis em tempos de crise.